

O Tempo

“1. Deveria lembrar-me de lembranças minhas, mas lembro-me de lembranças alheias (lembranças de pessoas que nunca conheci nem nunca me conheceram).

2. Um dia, há muitos anos, cruzei-me na rua comigo numa cidade estrangeira. Recordo agora, do lado de fora, esse instante. Eu era muito jovem e julgava então que desejava morrer. Quem em mim se lembra olhou-me alheadamente, passando, e, por qualquer motivo, pareci-lhe familiar. Talvez alguém encontrado um dia, por acaso, em algum lugar da nossa (da minha e da sua) vida, ou talvez algum amigo de infância para sempre perdido (quando a infância era, como uma vez foi, verosímil e única). Eu não me olhei ou, se me olhei, não me reconheci (é, pois, o Desconhecido aquilo que em mim, agora, se lembra). Sem saber porquê, desejava, ou julgava que desejava, morrer. Contudo era já muito tarde. Alguns anos antes, sim, poderia ter morrido, tão perto estivera então da dor e da perfeição. Mas nessa altura não o sabia ainda. Lembro-me de mim passando e do meu confuso e incerto medo como se fosse eu, e como se o medo fosse meu. Aquele lugar que lugar era? Que fazia eu ali, tão longe? E eu, que fazia ali? Lembrar-me-ei, também eu, desse lugar e desse momento? Quem, ou o quê, se lembra de isto? Agora sei que, se me tivesse olhado, por um momento que fosse, poderia ter-me visto. Alguma vez voltarei a estar, assim, de novo diante de mim?” (Pina, 1999, pp. 41, 42)

A noção de tempo é uma construção psicológica, individual ou social. O tempo é uma mudança em dois sentidos diferentes: no sentido da elevação da vida e no da morte; nessa porção de si próprio que se chama futuro, o tempo é temor e esperança, angustia e alegria, inquietação e libertação; eis um paradoxo que não pode ser compreendido senão pela sua dualidade. Ele é irreal, ilusório, é vacuidade e representa uma defecção frente ao eterno. Mas também possui um valor ontológico, dá-nos a revelação do sentido que é o fundamento do dinamismo da história. E é também a concepção do evolucionismo dinâmico.

Muitos filósofos e cientistas têm reflectido sobre a questão. Um exemplo célebre é o de Santo Agostinho¹, que, no ano 400, escreveu nas suas *Confissões* o seguinte: “Que é o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? (...) Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos; compreendemos também o que nos dizem quando nos falam

¹ Aurélio Agostinho, Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho (Tagaste, 354 — Hipona, 430) foi um bispo católico, teólogo e filósofo, considerado pelos católicos, santo e Doutor da Igreja.

dele. Que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.” (Abreu, 2005)

Todos temos uma noção intuitiva do que é o tempo. Apesar disso, não nos livramos, com certeza, de passar um mau bocado se tentarmos explicar de uma forma simples o que é.